



PERSONAGENS FEMININAS DO SÉCULO XIX: DISCURSOS SOBRE A MULHER EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

Bárbara da Silva Izidorio*
Suelen Francez Machado Luciano**
Vaniele Medeiros da Luz***

Resumo: Este artigo pretende investigar o comportamento, as atitudes, os sentimentos e o posicionamento das personagens femininas criadas por Machado de Assis, principalmente no que se refere ao amor, ao casamento e à vida social, no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica na qual estudamos as personagens femininas criadas por Machado de Assis, partindo da necessidade de se compreender as raízes da “inferioridade” do gênero feminino e também do modo como as mulheres são descritas à luz do olhar de um narrador masculino. A pesquisa, com a análise da obra enfatizando as personagens femininas, ajuda-nos a compreender que Machado inova e cria personagens enigmáticas e transgressoras dos padrões da época. Por isso é que, apesar de terem sido escritas no século XIX, as obras machadianas surpreendem os leitores de maneira fascinante.

Palavras-chave: Machado de Assis. Personagens femininas. Século XIX. Discurso.

Abstract: This article aims at investigating the behavior, attitudes, feelings and the positioning of feminine characters created by Machado de Assis, especially with regard to love, marriage and social life. The object of our analysis is the novels *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. This is a bibliographic research and, under hipotetic – deductive method, we study the feminine characters created by Machado de Assis starting from the need to understand the origin of feminine inferiority and also how women are described under the masculine view. The research carried out here, helps us to understand Machado de Assis innovate and create enigmatic characters and too beyond to the standards considered as models of that time. For this reason, despite being written in the nineteenth century, the novels investigated amazingly surprise their reader.

Keywords: Machado de Assis. Feminine characters. XIX century. Discourse.

* Professora no Estado de Santa Catarina.
Especialista em Gramática de Texto
E-mail: barbaraizidorio@hotmail.com

**Professora no Senac, na Unisul e no Colégio Dehon.
Mestra e Doutoranda em Ciências da Linguagem
Email: suelen.francez@gmail.com

***Professora no Estado de Santa Catarina.
Mestra em Ciências da Linguagem
Email: vaniele_luz@hotmail.com
DOI: 10.19177/memorare.v4e32017278-300



REVISTA
MEMORARE

UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

Falar e escrever sobre Machado de Assis (1839 – 1908) é uma forma de nos conectarmos as relações amorosas, com suas artimanhas de conquista e sedução, ao lado de um estilo que só mesmo ele foi capaz de criar. Poeta, romancista, dramaturgo, contista, jornalista e teatrólogo, ele contribuiu significativamente com a cultura brasileira, marcando gerações. Com genialidade e competência, Machado de Assis costumava descrever a própria realidade da época, no entanto, com muita maestria, essa descrição era feita sob muita crítica e ironia. Por isso que para ler Machado de Assis é preciso ser um leitor arguto. Nesse contexto, este artigo aborda, basicamente, a presença da personagem feminina na obra machadiana, e suas relações com o amor, o casamento e a sociedade em geral.

Assuntos relacionados à mulher tem sido objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, em diferentes épocas. Muitos tentam explicar por que, ainda hoje, muitas mulheres sofrem discriminação e são excluídas dos setores públicos. Na literatura não é diferente. Muitas vezes o modo como às personagens femininas se comportam, leva o leitor a amá-las, a ter piedade, ou a odiá-las, desesperadamente.

A obra machadiana é considerada bastante inovadora e relevante, por apresentar as personagens femininas de um modo muito peculiar. Daí o interesse motivador para a elaboração desta pesquisa, que parte do empenho em se compreender as raízes da “inferioridade” do gênero feminino e também da necessidade de elaboração de um novo discurso sobre a mulher que, no decorrer da história, vem tentando libertar-se dos ditames criados pela sociedade.

Assim, objetivando investigar o comportamento, as atitudes, os sentimentos e o posicionamento das personagens femininas criadas por Machado de Assis, principalmente no que se refere ao amor, ao casamento e à vida social, analisamos o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881).

Os processos de investigação desta pesquisa constituem-se numa pesquisa bibliográfica, como suporte à análise, de forma descritiva, da produção literária de Machado de Assis, sob a forma do método hipotético-dedutivo, permitindo maior conhecimento relativamente às obras e ao autor. Buscamos, na obra de Machado, a imagem de uma mulher que diferia daquela das mulheres de sua época, para verificar



em que medida estas narrativas abrem reflexões sobre a possibilidade de a mulher tornar-se protagonista de sua própria história.

O trabalho divide-se em mais três seções. A primeira apresenta uma contextualização acerca da cidade do Rio de Janeiro e da mulher no século XIX. Na segunda seção, analisamos a representação da mulher na obra machadiana, partindo da visão que ele tem da personagem feminina, em relação a outros escritores da época. Por fim, tecemos as considerações finais.

2. Especulações sobre a vida de homens e mulheres no Rio de Janeiro de outrora

2.1. Imagens do Rio de outrora

Durante o século XIX, a sociedade brasileira sofreu algumas transformações: a consolidação do capitalismo, a ascensão da vida urbana e, conseqüentemente, o surgimento de uma burguesia dotada de uma nova mentalidade que favoreceram uma reorganização da vida doméstica.

Nesse período, houve o nascimento de uma nova mulher nas relações familiares, caracterizada pela sensibilidade e pelo dom da maternidade. Era a mulher da família burguesa.

A família burguesa originou-se na Europa a partir do século XVIII e se disseminou no Brasil a partir do século XIX. Segundo esse modelo, a família era resumida a seu eixo nuclear e, aos poucos, foi se transformando em uma nova ordem familiar onde os papéis do ser homem e ser mulher e do casamento foram redefinidos.

O pai autoritário, o excesso de escravos e agregados que marcavam o modelo denominado Freyre (1992) de “família patriarcal” tornou-se alvo de críticas, na medida em que não oferecia condições para a construção de novos homens e mulheres adequados à sociedade. Estes deveriam ser criados no interior de uma família intimista, protetora e constituída por pais, mães e filhos. Daí surge a necessidade, no Brasil, de um novo modelo familiar encarregado de idealizar a instituição familiar com o propósito de formar indivíduos civilizados, domesticados e à disposição do Estado.

Para melhor compreendermos a edificação desse novo modelo familiar, recorreremos à obra *História do Amor no Brasil* de Mary Del Priore que descreve



minuciosamente, com base em registros históricos de viajantes que passaram pelo Brasil na época, as relações entre homens e mulheres no século XIX.

O desenvolvimento das cidades influenciou na disposição dos interiores das residências. As casas tornaram-se mais aconchegantes, o que favoreceu um processo de privatização da família e valorização da intimidade. As alcovas – o quarto do casal – eram espaços reservados à explosão de sentimentos: amor, paixão, desejo, ciúme, declarações, leitura de romances pouco recomendáveis na época, etc. Poucos são os registros sobre como se comportavam, na intimidade, homens e mulheres do século XIX. Sabe-se, porém, que a noite de núpcias era uma prova.

Numa sociedade patriarcal, o homem podia ter sua iniciação sexual muito cedo, mas as mulheres deveriam casar-se virgens. A mulher que casasse “não-virgem” era como uma embalagem violada e podia ser devolvida aos pais. Tudo era motivo de vergonha e constrangimento. Durante a intimidade os corpos permaneciam cobertos e tudo indica que havia roupas íntimas com furos na altura da vagina. Fazia-se amor no escuro e o prazer da mulher não tinha tanta importância. A relação sexual tinha um único objetivo: a reprodução. Era preciso manter a mulher ocupada com gestações e, conseqüentemente, sem interesse por outros homens.

O resultado de tudo isso foi o desenvolvimento de uma sociedade marcada pela acentuada divisão de papéis. A mulher deveria ser a “rainha do lar”, a mãe dedicada ao marido e à criação dos filhos, peça fundamental na relação familiar. Objetiva-se livrá-la da rua e de seus perigos. À mulher era imposto um comportamento pessoal e familiar: no casamento, deveria amar seu marido, respeitá-lo, obedecê-lo e tolerar seus defeitos com paciência e mansidão, além de educar seus filhos com amor, segundo os preceitos da fé católica, e comportar-se com moral e pudor (LOPES, 2002, p. 22 apud JACINTO 2005, p. 37). Ao homem, por outro lado, cabia o papel de provedor, pois ele é quem deveria trabalhar para garantir o sustento da família.

Até meados do século o casamento era feito por motivações econômicas e, muitas vezes, sem amor. Como o homem tinha grande acesso ao espaço público, maiores ainda eram as possibilidades de vivenciar aventuras extraconjugais. Fazia-se amor com a esposa, quando se queria descendência, e no restante do tempo era com a outra.



A fidelidade conjugal era tarefa, exclusivamente, feminina. E por causa de todo este culto à honra da mulher, muitas foram as que sofreram por causa de afetos fora do casamento. As mais castigadas eram as de elite, muitas delas se não severamente castigadas, eram mortas. Já às mulheres de classes menos favorecidas cabia a separação. Isto porque as mulheres de elite estavam sempre protegidas, circunscritas à vida familiar e, conseqüentemente, menos expostas às ocasiões de infidelidade. As moças de camadas mais pobres viviam menos protegidas e mais sujeitas à exploração sexual (Del Priore, 2006, p. 188).

Relatos de cronistas, viajantes e historiadores descrevem que havia um rígido controle sobre os movimentos e comportamento das moças. Era preciso impedir a aproximação dos corpos antes do casamento. A vigilância era, portanto, a garantia de um bom casamento, uma vez que a virgindade funcionava como um dispositivo a favor daquelas que queriam conquistar um casamento movido a interesses políticos e econômicos.

Apesar de a sociedade ser autoritária e bastante rígida quanto à exaltação da feminilidade e da fidelidade no casamento, durante o século XIX, houve um afrouxamento da vigilância sobre as moças e elas mesmas começaram a se autovigiar. Por esse período, muitas sinhás oitocentistas cometeram aventuras e muitos frutos nasceram desses afetos ilícitos.

Havia, portanto, na época, a existência de uma moral sexual dupla, na qual ao homem era lícito obter satisfação com outras mulheres que não a sua esposa, enquanto que, para a mulher, somente era permitido dedicar-se ao marido e relacionar-se por puro objetivo reprodutivo.

Deve-se destacar, ainda, que não havia uma identidade feminina homogênea. Nem todas as mulheres eram vistas como beatas, cultuadas e frágeis. Havia as mulheres mundanas, livres, sensuais, pecadoras e amantes do luxo – as prostitutas. Havia também as mulheres negras escravas, que eram forçadas ao trabalho no campo e na cidade e não estavam, portanto, incluídas no discurso de fragilidade feminina.

O discurso da fragilidade feminina a que nos referimos surgiu com o avanço da medicina. Os médicos, cada vez mais interessados na personagem feminina, encarregaram-se de formular um rol de diferenças entre os sexos fundamentado na



“cientificidade”. A inferioridade da mulher é legitimada pela estruturação de seu organismo:

Em todas as quadras da vida, a mulher se distingue do homem pelo maior desenvolvimento de paixões exalantes: na infância, quando os dois sexos se assemelham por seus caracteres físicos, a mulher é mais risonha, estranha menos, é mais sensível aos afagos; na meninice, não tem a inquietação do homem, nem os seus jogos, nem as suas inclinações. Em vez de cobrir-se com uma barretinha de papel, de fazer de um pau, espingarda, entretém-se dia e noite com uma boneca, a quem dá o nome de filha, fala-lhe como se animada fosse, etc. (COSTA apud VERONA, 2007, p. 49).

O casamento e a maternidade eram vistos como algo positivo para as mulheres. Segundo os médicos, a mulher apenas se sentiria completa quando pudesse tornar-se mãe. As mulheres, em geral, passaram a ser valorizadas como importantes agentes de transformação social porque a elas era concedida a função de educadoras dos filhos.

Os textos médicos, porém, descreveram tipos femininos que se distanciavam do padrão mulher/mãe, e sempre associaram tais discrepâncias a algum tipo de doença relacionado ao sexo feminino. No geral, os médicos definiram a histeria como uma neurose hereditária capaz de modificar as funções vitais do paciente. Segundo eles, apesar de atingir ambos os sexos, a doença estabelece ligações intensas com a sexualidade feminina. A masturbação é apontada, na época, como uma prática que poderia provocar a tal anomalia.

Para alguns doutores, o casamento era um dos meios de prevenir e curar a histeria. Para outros, a doença era incurável e a mulher portadora do mal não deveria casar-se, evitando sua propagação. O histerismo não foi o único desvio abordado nas teses e textos médicos oitocentistas. Ninfomaníacas, lésbicas, prostitutas e alienadas também receberam atenção, porque eram tipos femininos que podiam acarretar sérios problemas sociais e familiares, além de comprometer o desenvolvimento de uma civilização moderna. E tem raízes longínquas este receio que a cidade do Rio de Janeiro alimentava, responsabilizando a mulher pelos “males do mundo”. É o que se comprova no roteiro histórico descrito a seguir.



2.2 A sedução amorosa e suas artimanhas

Naquela época, pelo fato de o corpo da mulher ser, praticamente, todo coberto, o que ficava à mostra, como pés e mãos, era o que atraía os olhares masculinos, despertando desejo. Sendo assim, Priore (2006, p. 154) descreve como seriam os pés e mãos perfeitos, no século XIX:

Pequenos, os pés tinham de ser finos, terminando em ponta; a ponta, era a linha de mais alta tensão sensual. Fairepetitpied era uma exigência nos salões franceses; as carnes e os ossos dobrados e amoldados às dimensões do sapato deviam revelar a pertença a um determinado grupo social, grupo no interior do qual as mulheres pouco saíam, pouco caminhavam e, portanto, pouco tinham em comum com escravas ou trabalhadoras do campo ou da cidade, donas de pés grandes e largos. Os pés pequenos, finos e de boa curvatura, modelados pela vida de ócio, eram emblema de “uma raça”, expressão anatômica do sangue puro, sem mancha de raça infecta, como se dizia no século XVIII.

Metaforicamente, o que atualmente está num “pisar de olhos”, no século XIX, tornava-se sedução e mostrar os pés e as mãos. Assim como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Luís Guimarães Júnior e Álvares de Azevedo, entre outros, eram escritores que descreviam a sedução nascendo de belos pés, com obrigação de serem pequenos, entre outras características sedutoras daquela época, despertando o desejo de muitos homens.

Além dos pés e dedos longos, surge, segundo Priore (2006, p. 155), “[...] o beijo capaz de transfigurar, de metamorfosear. [...]”. Este foi o mesmo beijo de Bentinho e Capitu, ainda jovens, acontecido em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Outro elemento do corpo, objeto de desejo, era o olhar que, também, era uma importantíssima irradiação de prazer. Porém, era apenas o homem que escolhia e aproximava-se da moça desejada, através de olhares, porque o olhar feminino era considerado obsceno e lúbrico.

[...] O discurso amoroso que circulava entre uma pequena elite, inspirado no romantismo francês, era recheado de metáforas religiosas: a amada era um ser celestial. A jovem casadoira, um anjo de pureza e virgindade. O amor, uma experiência mística. Liam-se muitos livros sobre sofrimento redentor, sobre estar perdidamente apaixonado, sobre corações sangrando. Mas falar sobre tais assuntos era tão escandaloso que as palavras eram substituídas por silêncios,



toques, troca de olhares e muita bochecha vermelha. Enrubescer era obrigatório para demonstrar o desejado nível de pudor, que elevava as mulheres à categoria de deusas, santas e anjos. (PRIORE, 2006, p. 122).

De acordo com o mesmo autor, os decotes estavam se aprofundando e estavam ficando de acordo com a moda do Império, que ditava o envolvimento das curvas femininas nas pregas dos vestidos e ambos os sexos adoravam as “lingeries”. A obsessão por um olhar camuflado ou por um pezinho funcionava como uma isca para o desejo.

[...] a mulher tinha de ser dona de pés minúsculos. Seu cabelo deveria ser longo e abundante preso em penteados elaboradíssimos para fazer frente a bigodes e barbas igualmente hirsutos. Homem sem barba era marica! A cintura feminina era esmagada ou triturada por poderosos espartilhos, acentuando os seios aprisionados nos decotes – o peito de pomba – e o traseiro, aumentando graças às anquinhas. Uma tal armadura era responsável, segundo alguns médicos mais esclarecidos, por problemas respiratórios e hemoptises, ajudando a desenhar a figura da heroína romântica, “a pálida virgem dos sonhos do poeta”, doente do pulmão. A complicação das roupas tinha efeito perverso: suscitava um erotismo difuso que se fixava no couro das botinas, no vislumbre de uma panturrilha, e um colo disfarçado sob rendas. (PRIORE, 2006, p.152).

Era uma sedução calculada, com objetivos de aliança, nem sempre tão sagrada, da jovem casadoira, angelical e pura com um mancebo de bigodes e barba hirsutos.

E, no século XIX, a missa era o melhor lugar para o namoro, durante ela, os jovens aproximavam-se na presença dos pais e trocavam códigos. Até mesmo, as mulheres podiam cochichar algumas palavras com seus interlocutores. Fora a troca de olhares e os cochichos na missa, raramente um homem poderia falar com a mulher com que gostaria de casar, antes de tê-la pedido em casamento.

As mulheres viviam sempre bem vestidas e ocupadas com os afazeres domésticos, eram consideradas belas aos treze anos, alegres aos dezoito e pesadas senhoras, cercadas de filhos, um pouco depois. O homem era visto como aquele que mandava, conquistava e realizava. A mulher, por sua vez, deveria servir ao seu marido e aos seus filhos e desenvolver certo pudor natural.

A filha mais velha devia casar-se primeiro. Além disso, o casal quase não se encontrava, para evitar os contatos sexuais antes da noite de núpcias, pois, a pureza da donzela era fundamental para a realização do matrimônio.



Muitos casamentos impostos ocasionaram problemas mentais nos descendentes. Na família dos barões de Goicana, de Pernambuco, também a endogamia foi praticada à larga, não faltando descendentes epiléticos. Moças que se casaram sem consentimento ou bênção foram excluídas das redes de sociabilidade familiar e isso era considerado grave afronta ao grupo. Moças da elite eram casadas debaixo de cuidados o mais cedo possível, pois, se passasse de 25 anos, seria considerada “moça-velha”, “moça que tinha dado o tiro na macaca”, ou moça que chegara ao “caritó” [...]. Casamento de mulher pobre e de escrava não envolvia dote [...]. (PRIORE, 2006, p. 144).

Até meados do século XIX as esposas se consideravam quase no mesmo nível dos escravos, pois, elas se referiam aos seus maridos apenas como “senhor”. À partir deste século, algumas passaram a chamá-lo de “tu” e “você”, acabando com o rígido tratamento colonial de “senhor” por parte das esposas e dos filhos.

Tratando-se de casamentos, muitos foram arranjados, e outros tantos efetuados por interesse, ambos, muitas vezes, sem amor, porém, com um ciúme indescritível, como se ao casar-se, o outro virasse sua posse. Entretanto, este fato, geralmente, acontecia entre famílias de classes sociais, economicamente altas, pois, entre as classes baixas, o amor era considerado importante, fazendo, assim, com que os matrimônios destes resistissem.

O casamento era o único destino possível para a mulher. Ela deveria ser discreta, aparentar uma alegria natural e, sobretudo ter uma enorme simplicidade. Diversas mulheres dedicaram uma vida inteira, no silêncio e no apagamento para servir aos maridos. Muitas foram traídas, porém, fiéis. No entanto, raramente, homens traídos foram fiéis.

Durante muito tempo o modo de ver o casamento e a posição da mulher mostra que o matrimônio era para o gozo sexual, para a luxúria e para a procriação. A honra da mulher era visto como algo delicado, não devendo ser manchada nem mesmo por suspeitas ou suposições.

Os ritos amorosos eram curtos e alheios à vontade dos envolvidos. Os noivados ocorriam em curto prazo, no qual, os noivos não se viam muito, muitas vezes nem se conheciam. Acontecia, também, de ainda meninas de dez, onze, doze anos, serem obrigadas a casar com homens bem mais velhos que elas, como afirma Priore (2006, p. 169):

Delicioso é o quadro de um capitão da marinha americana que põe em seu colo uma menina de 13 anos para contar-lhe histórias. Vem, então, a saber



que era esposa de um sexagenário e mãe de uma criança pequena. Outra gafe? A do estrangeiro que havia feito elogios à filha mais jovem de um senhor de certa idade, extraordinariamente bela, uma das mais lindas que havia visto na América. Depois de afirmar ser ela afortunada por ter um pai tão afeiçoado, ouviu em um tom nada gentil: “Pai? Eu sou seu marido, ela é minha esposa! Mas eu o perdôo pelo equívoco já que tenho filhas, para dizer a verdade de quase para serem a mãe dela”.

Ambos corriam o risco de ser traídos e trair, pois casavam-se com quem não amavam, só por negócios, podendo assim o outro procurar, fora do casamento, o amor ideal e proibido. Na maioria das vezes, o casamento precoce afastava-as dos estudos, justificando o término deste com o fato daquele.

Nesse sentido, além de casarem precocemente, terem inúmeros filhos, e após tantos partos, elas já não eram mais as mesmas, com seus belos corpos, sofriam com a traição dos maridos, e, absurdamente, cuidavam de seus filhos e dos filhos de seus maridos com outras mulheres, que teriam que ter a mesma educação.

Além disso, algumas relações conjugais tinham um alto nível de violência física, abandono e desprezo. Por causa dos interesses econômicos, raramente existiam, nos matrimônios, a afinidade sexual e o afeto, além disso, a “mulher casada” vestia-se de preto, não se perfumava, não amarrava os cabelos com laços e fitas e não comprava vestidos novos, enfim, perdia toda a feminilidade.

As mulheres jovens, sem poder aquisitivo e que ainda não fossem casadas, encontravam no homem mais velho, mesmo casado, o amparo financeiro ou social. Muitas vezes, o namoro não aprovado pelos pais encorajou o rapto de várias moças.

Enfim, as mulheres eram pouco valorizadas, serviam, diversas vezes, só para a procriação, sem direito a uma educação de valor e ao trabalho que não fosse relacionado a sua própria casa, sem contar a falta de liberdade que elas sofriam.

3. Desvelando a mulher machadiana em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

As obras de Machado de Assis têm como cenário a cidade do Rio de Janeiro no século XIX. Nessa época, a sociedade estava fortemente marcada pelo patriarcalismo e, nessa condição, as mulheres apresentavam-se submissas aos maridos. Outro aspecto relevante é que, na mesma época, a cidade do Rio de Janeiro sofreu várias



transformações, com o estabelecimento da corte portuguesa, e isso acarretou também uma mudança nos hábitos e convívio social dos cariocas.

Nesses “novos tempos”, a personagem feminina que estava sob o jugo da família patriarcal, no recinto do lar, passa a gozar de mais liberdade e a ocupar novos espaços. Sua função agora é, além de cuidar do lar e dos filhos, acompanhar os maridos na vida social.

A partir dos avanços da medicina e de áreas afins, surge, em meio a tantas transformações, uma nova imagem de mulher: a mulher ambígua e contraditória, uma mulher que pode ser anjo e demônio ao mesmo tempo. Machado de Assis, já no século XIX, conseguiu mostrar, aos leitores, muitos mistérios que envolviam a personagem feminina, bem como contextualizar o ambiente e a sociedade em que viviam.

É possível observar que a obra de machado de Assis pode ser dividida em duas fases, a romântica e a realista, que se contrastam. Na primeira fase, nota-se a presença de mulheres solitárias, como tias ou viúvas, que querem a todo custo a felicidade de alguma parenta. Há também amores proibidos, casamentos arranjados e infelicidade conjugal. Na fase realista, destacada neste artigo, descritas sob o discurso masculino, ganham uma imagem negativa e ambígua. Há a predominância de sentimentos ambíguos, ciúmes e triângulos amorosos. As personagens femininas aparecem como dissimuladas, interesseiras e astutas.

Assim sendo, até que o autor faz uma denúncia da sociedade que coloca a mulher nos “degraus de baixo”, ou até que ponto ele é do tipo “Não se pode confiar em mulher”?

3.1 Brás Cubas e seu etéreo discurso sobre as mulheres

O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Joaquim Maria Machado de Assis, é um marco para o início do Realismo na Literatura Brasileira. A estética literária realista trouxe para os romances um olhar observador, buscando extrair a verdade a partir de histórias do cotidiano. Machado de Assis desenvolve, no livro “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, uma análise psicológica, envolvendo adultério num olhar crítico e irônico. Brás Cubas é a antítese dos ideais românticos, traduz o anti-herói.



O romance é publicado inicialmente em Folhetim, e depois, em 1881, em livro, surpreendendo à crítica da época. A obra é ousada, pois é narrada por Brás Cubas, que escreve a própria biografia, do outro lado da existência, da eternidade.

A narração é em primeira pessoa, com o narrador-personagem, Brás Cubas, interagindo com o leitor. Primeiramente, ele altera a ordem dos fatos, começando a narração com o seu óbito, mais precisamente, no dia do seu funeral. O narrador destaca três senhoras presentes no seu enterro; sua irmã Sabina, sua sobrinha e Virgília, seu grande amor. Brás Cubas faleceu de pneumonia, porém não foi esta a causa de sua morte, mas também, a melancolia que o frustrava, por não ter alcançado os seus objetivos.

Em seguida, o narrador muda o rumo da história e começa a descrever a invenção de um medicamento, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a amenizar a tristeza da humanidade. Primeiramente, o personagem relembra o fato estando ainda vivo, logo após ele o narra, sob o ponto de vista de alguém já falecido, contando quais eram as suas verdadeiras intenções com a divulgação do remédio: “Assim a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado a filantropia; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: amor da glória”. (ASSIS, 2009, p.14)

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* o personagem narra os fatos, em consonância com o seu estado de espírito. Após narrar a sua morte começa a descrever tudo o que a antecedeu, desde os delírios até Virgília, um grande amor do passado, que foi visitá-lo com o filho, quando ele estava muito doente.

Depois, o personagem passa a narrar, cronologicamente, acontecimentos que sucedem o dia 20 de outubro, dia do seu nascimento. Conta como era a relação com os pais, descreve a mãe do seu ponto de vista, enfatizando a submissão da mesma ao pai.

Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações; mas eu sentia que, mais do que orações, me governavam os nervos e o sangue e a boa regra perdia o espírito, que a faz viver, para se tornar uma vã fórmula. [...] Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa, - caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido. O marido era na terra o seu deus. (ASSIS, 2009, p. 31).



A maneira com a mãe de Brás Cubas é descrita reafirma a ideia de uma sociedade, na qual o patriarca é o ser superior. Para a mãe, era permitido apenas a doutrina dos filhos e os afazeres domésticos. Nota-se na narrativa que, para Brás Cubas, a mãe teve pouca influência na sua formação, pois ela não tinha voz perante a família. Um aspecto relevante é que em nenhum momento da narrativa, o narrador refere-se à mãe pelo nome. Reafirma-se a ideia de que ela era vista apenas como esposa e mãe, tornando-se um ser dependente. Cabe destacar que a família patriarcal não designa o poder do pai, mas o poder masculino, enquanto sociedade.

Na sequência, o narrador cita alguns parentes e destaca, entre outros, uma tia materna, Dona Emerenciana. Ele a considerava como a pessoa que tinha mais autoridade sobre ele, porém faleceu cedo. Nesse sentido, comparando o modo como descreve a mãe e a tia, percebe-se que, geralmente, a mãe ou a esposa eram consideradas mais submissas do que outra mulher da ‘rua’.

Alguns capítulos depois, o personagem conta um episódio de quando ele ainda era criança, no qual viu Dona Eusébia, irmã do sargento-mor Domingues, de aparência mediana, beijando o doutor Vilaça. No capítulo seguinte, relata a sua primeira paixão da adolescência, aos 17 anos, pela cortesã Marcela, filha de um hortelão das Antúrias.

Quem quer que fosse, porém, o pai, letrado ou hortelão, a verdade é que Marcela não possuía a inocência rústica e mal chegava a entender a moral do código. Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. Naquele ano morria de amores por um certo Xavier, sujeito abastado e tísico, - uma pérola. Vi-a, pela primeira vez, no Rossio Grande, na noite das luminárias, logo que constou a declaração da independência, uma festa de primavera, um amanhecer da alma pública. Éramos dois rapazes, o povo e eu; vínhamos da infância, com todos os arrebatamentos da juventude. Vi-a sair de uma cadeirinha, airosa e vistosa, um corpo esbelto, ondulante, um desgarre, alguma coisa que nunca achara nas mulheres puras. – Segue-me, disse ela ao pajem. E eu segui-a, tão pajem como o outro, como se a ordem me fosse dada, deixe-me ir namorando, vibrante, cheio das primeiras auroras. A meio caminho chamaram-lhe ‘linda Marcela’; lembrou-me que ouvira tal nome a meu tio João e fiquei, confesso que fiquei tonto. (ASSIS, 2009, p.40).

Alguns dias depois, Brás Cubas, juntamente, com o tio foi a uma casa de moças nos Cajueiros. Era a casa de Marcela. Era o homem levando o menino à iniciação em “coisas de homem”.



[...]. Que gentil que estava a espanhola! Havia mais uma meia dúzia de mulheres, - todas de partido, - e bonitas, cheias de graça, mas a espanhola... O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, estouvado, tudo isso me levou a fazer uma coisa única; a saída, à porta da rua, disse a meu tio que esperasse um instante e tornei a subir as escadas. [...] ela ia abrir-me caminho para tornar à sala; eu segurei-lhe nas mãos, puxei-a para mim e dei-lhe um beijo. Não sei se ela disse alguma coisa, se gritou, se chamou alguém; não sei nada; sei que desci outra vez as escadas, veloz como um tufão e incerto como um ébrio. (ASSIS, 2009, p.41).

A relação entre Brás Cubas e Marcela teve duas fases. Na primeira, ele teve que dividi-la com Xavier. Na segunda fase, ele a presenteava, pois de certa maneira isso fazia com que o relacionamento dos dois fluísse. O relacionamento entre Brás Cubas e Macela traz à tona uma temática realista oposta à idealização romântica do amor. “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil”. (ASSIS, 2009, p.45).

As mulheres no século XIX, com pouco poder aquisitivo, eram mais ousadas, sedutoras e usavam o corpo para alcançar os seus objetivos. Na sociedade patriarcal, o comportamento da mulher era muito visado, elas deveriam casar-se virgens. Entretanto, nem todas as mulheres tinham esta conduta, existiam também as mulheres que despertavam o desejo no sexo oposto, as “pecadoras”, que não abriam mão do luxo, ou seja, as cortesãs, e este é o caso de Marcela. A maneira ousada da espanhola a diferenciava das outras moças da época e isso cativava o jovem Brás Cubas. No entanto, ele sabia que este amor custar-lhe-ia, pois, mulheres desta índole, mesmo apaixonadas, colocavam a ascensão social em primeiro lugar.

Diversos jovens de boa família, com pais ricos, eram levados a condutas levianas e esbanjavam o dinheiro familiar, comprando uma mulher mundana e que se entrega aos amantes que a presenteiam com joias. O pai de Brás Cubas, incomodado com a situação, resolveu mandá-lo estudar na Europa. A primeira reação de Brás Cubas foi convidar Marcela para ir junto, porém ela recusou. Depois, ele a presenteou com um pente de diamantes, então ela aceitou viajar com ele. Entretanto, o pai suspeitando das intenções do filho, inesperadamente, transportou-o para Lisboa e, depois, para a universidade em Coimbra.



Em virtude dos acontecimentos, Brás Cubas pensou em suicidar-se no navio, mas, envolvido com as tragédias que ocorreram ao capitão, cuja mulher estava morrendo de tuberculose, desistiu do ato. Formou-se bacharel e, depois de alguns anos, voltou para a cidade natal.

Meu pai abraçou-me com lágrimas. – Tua mãe não pode viver, disse-me. Com efeito, não era já o reumatismo que a matava, era um cancro no estomago. A infeliz padecia de um modo cru, porque o cancro é indiferente às virtudes do sujeito; quando róí, róí; roer é o seu ofício. Minha irmã Sabina, já então casada com o Cotrim, andava a cair de fadiga. Pobre moça! Dormia três horas por noite, nada mais. O próprio tio João estava abatido e triste. Dona Eusébia e algumas outras senhoras lá estavam também, não menos tristes e não menos delicadas. (ASSIS, 2009, p.58).

A mãe faleceu. Passados alguns dias, o pai disse-lhe que tinha dois projetos, sendo o primeiro torná-lo deputado e o segundo, casá-lo. A moça escolhida era Virgília, a filha de Dutra. Este trecho do livro confirma que a maioria dos casamentos era arranjada por interesse familiar e político. Poucos eram os casais que se conheciam, apaixonavam-se e casavam por amor.

Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance em que o leitor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, - devoção, ou talvez medo; creio que medo. (ASSIS, 2009, p.65).

Virgília era uma bela moça. Brás Cubas se dispôs a aceitar ambos, a moça e o cargo de deputado. Depois da conversa com o pai, ele resolveu visitar Dona Eusébia e conheceu sua filha Eugênia.

Em verdade, parecia ainda mais mulher do que era; seria criança nos seus folgares de moça; mas, assim quieta, impassível, tinha a compostura da mulher casada. Talvez essa circunstância lhe diminuía um pouco da graça virginal. Depressa nos familiarizamos; a mãe fazia-lhes grandes elogios, eu escutava-os de boa sombra e ela sorria, com os olhos fúlgidos, como se lá dentro do cérebro lhe estivesse a voar uma borboletinha de asas de ouro e olhos de diamantes. (ASSIS, 2009, p.68).



No dia seguinte, Brás recebe o convite de Dona Eusébia, para jantar em sua casa, e ele aceita. Eles saem para caminhar na chácara e, durante o passeio, ele nota que a bela Eugênia era coxa, ou seja, manca, ela tinha essa deficiência desde o nascimento. Após saber disso, Brás Cubas muda o seu pensamento a respeito de Eugênia.

Ora aconteceu que, oito dias depois, como eu estivesse no caminho de Damasco, ouvi uma voz misteriosa, que me sussurrou as palavras da Escritura (at., IX, 7): “Levanta-te e entra na cidade”. Essa voz saía de mim mesmo e tinha duas origens: a piedade, que me desarmava ante a candura de pequena e o terror de vir a amar deveras e desposá-la. Uma mulher coxa! Quando a este motivo da minha descida, não há duvidar que ela o achou e mo disse. Foi na varanda, na tarde de uma segunda-feira, ao anunciar-lhe que na seguinte manhã viria para baixo. – Adeus, suspirou ela estendendo-me a mão com simplicidade; faz bem. – E como eu nada dissesse, continuou: - Faz bem em fugir ao ridículo de casar comigo. Ia dizer-lhe que não; ela retirou-se lentamente, engolindo as lágrimas. Alcancei-a a poucos passos e jurei-lhe por todos os santos do céu que eu era obrigado a descer, mas que não deixava de lhe querer e muito; tudo hipérboles frias, que ela escutou sem dizer nada. [...] Quis retê-la, mas o olhar que me lançou não foi já de súplica, senão de império. Desci da Tijuca, na manhã seguinte, um pouco amargurado, outro pouco satisfeito. Vinha dizendo a mim mesmo que era justo obedecer a meu pai, que era conveniente abraçar a carreira política... que a constituição... que a minha noiva... que o meu cavalo. (ASSIS, 2009, p.75).

A sociedade impunha às mulheres do século XIX, boa aparência e poder aquisitivo, e Eugênia não tinha nenhuma destas virtudes. Dadas às diferenças entre o casal, eles tinham objetivos opostos, pois para ela, bastava casar-se, e, para ele, de nada adiantaria casar-se sem tornar-se um homem público.

O personagem, Brás Cubas, teve dúvidas sobre com qual mulher deveria casar-se, Virgília ou Eugênia. Porém, ao saber da deficiência de Eugênia, resolveu que a aquela lhe seria mais conveniente. O que poderia tornar-se casamento com Eugênia não superou o preconceito físico e social, por isso, Brás Cubas afasta-se dela para cortejar Virgília, por interesse no cargo de Deputado. Vai à casa de Dutra, conversam sobre a candidatura e tornam-se íntimos.

Certo dia, Brás Cubas entra em uma loja na rua dos Ourives e encontra Marcela trabalhando atrás do balcão. Conversaram durante algum tempo, Marcela contou-lhe sobre o sofrimento da ausência, que atualmente era viúva e também sobre a sua decadência.



Ao fundo, por trás do balcão, estava sentada uma mulher, cujo rosto amarelo e bexiguento não se destacava logo, à primeira vista; mas logo que se destacava era um espetáculo curioso. Não podia ter sido feia; ao contrário, via-se que fora bonita e não pouco bonita; mas a doença e uma velhice precoce destruíram-lhe a flor das graças. As bexigas tinha sido terríveis; os sinais, grandes e muitos, faziam saliências e encarnas, declives e acives e davam uma sensação de lixa grossa, enormemente grossa. Eram os olhos a melhor parte do vulto e, aliás, tinham uma expressão singular e repugnante, que mudou, entretanto, logo que eu comecei a falar. Quanto ao cabelo, estava ruço e quase tão poento como os portais da loja. Num dos dedos da mão esquerda fulgia-lhe um diamante. Crê-lo-eis, pósteros? Essa mulher era Marcela. (ASSIS, 2009, p.77).

A vida de Marcela não teve um bom desfecho. Envolveu-se com homens, buscou uma “vida fácil”, contraiu doenças e estava vivendo uma velhice precoce. Já não tinha o corpo esbelto e a boa aparência que a favorecia. Agora era dona de uma simples loja e tinha o rosto devastado pela doença. Brás Cuba despediu-se rapidamente de Marcela para ir à casa de Virgília. Não havia mais vestígios do amor da adolescência. Restara a frieza e repugnância.

A relação entre Brás Cubas e Virgília tinha tudo para dar certo. Entretanto, apareceu Lobo Neves, e, foi quem ficou com Virgília e com a candidatura, apoiado por grandes influências. Para Virgília, ambiciosa, Lobo Neves, era um homem que aparentava ter melhor futuro que Brás Cubas.

Algum tempo depois, o pai de Brás Cubas falece, não somente da doença que o abatia, mais também do desgosto por não ter conseguido a candidatura e o casamento do filho. Brás Cubas, o cunhado e a irmã começam a ter atritos por causa da herança deixada pelo pai. A irmã era uma mulher submissa aos caprichos de Cotrim, o marido, homem aproveitador e bajulador ao mesmo tempo, com quem teve uma filha, Venância. Sabina era ambiciosa, assim como o irmão.

Certo dia, Luís Dutra, primo de Virgília, conta a Brás Cubas que a prima havia chegado de São Paulo e que estava casada.

No dia seguinte, estando na rua do Ouvidor, à porta da tipografia do Plancher, vi assomar, a distância, uma mulher esplêndida. Era ela; só a reconheci a poucos passos, tão outra estava, a tal ponto a natureza e a arte lhe haviam dado o último apuro. Cortejamo-nos; ela seguiu; entrou com o marido na carruagem que os esperava, um pouco acima; fiquei atônito. [...] Oito dias depois, encontrei-a num baile; creio que chegamos a trocar duas ou três palavras. Mas em outro baile, dado daí a um mês, em casa de uma senhora, que ornara os salões do primeiro reinado e não desornava então os do segundo, a aproximação foi maior e mais longa, porque conversamos e



valsamos. A valsa é uma deliciosa coisa. Valsamos; não nego que, ao conchegar ao meu corpo aquele corpo flexível e magnífico, tive uma singular sensação, uma sensação de homem roubado. [...] Valsamos uma vez e mais outra vez. Um livro perdeu Francesca; cá foi a valsa que nos perdeu. Creio que nessa noite apertei-lhe a mão com muita força e ela deixou-a ficar, como esquecida, e eu a abraçá-la, e todos com os olhos em nós, e nos outros que também se abraçavam e giravam... Um delírio. (ASSIS, 2009, p. 91-92).

Virgília era ousada e dissimulada. Mesmo casada com Lobos Neves, oferecia-se para Brás Cubas. A moça estava à frente de sua época, com uma autodeterminação que contrariava as expectativas. Suas atitudes eram apostas ao padrão feminino estabelecido no século XIX. Casou-se com Lobo Neves por interesses familiares, porém envolveu-se num caso de amor adúltero com Brás Cubas. “Lembra-me, sim que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo me deu trêmula, - uma coitadinha, - trêmula de medo, porque era ao portão da chácara”. (ASSIS, 2009, p. 96)

Brás Cubas era um amigo da família e frequentava a casa de Virgília e Lobo Neves. Os encontros entre os amantes tornaram-se cada vez mais frequentes, até que, um dia, ele a convidou para fugir, porém ela recusou. Algumas pessoas começaram a desconfiar da relação do casal, entre elas, a baronesa, que tinha uns cinquenta e cinco anos, mas aparentava ter uns dez anos a menos e possuía um porte fino e elegante.

Para dissimular as suspeitas, o casal passou a encontrar-se na casa de Dona Plácida. “A casa resgatava-me tudo; o mundo vulgar terminaria à porta; - dali para dentro era o infinito, um mundo eterno, superior, excepcional, nosso, somente nosso, sem leis, sem instituições, sem baronesa, sem olheiros, sem escutas [...]”. (ASSIS, 2009, p.115).

Virgília fez daquilo um brinco; designou as alfaías s mais idôneas e dispô-las com a intuição estética da mulher elegante; eu levei para lá alguns livros e tudo ficou sobre a guarda de Dona Plácida, suposta e, a certos respeitos, verdadeira dona da casa. Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção e doía-lhe o ofício, mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com elos baixos, séria, carrancuda, às vezes, triste. [...] Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido e não sei que outros toques de novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra. (ASSIS, 2009, p.118).



Dona Plácida, uma antiga conhecida de Virgília, tornou-se tão próxima do casal, que se sentiu à vontade para confidenciar-lhes toda a sua vida. Ela tivera uma vida muito sofrida, perdera o pai muito cedo, casara-se com um alfaiate, que morreu tísico algum tempo depois, deixando-lhe uma filha, que também a abandonou para fugir com um homem, a qual ela não menciona. Dona Plácida assemelha-se a Dona Eusébia, por ter uma postura forte e batalhadora, assim como milhares de mulheres de nossa contemporaneidade, que não têm uma vida cômoda, por serem pobres e sozinhas, porém com muito sacrifício criam seus filhos.

Minha filha fugiu-me; foi com um sujeito, nem quero saber... Deixou-me só, mas tão triste, tão triste, que pensei morrer. Não tinha ninguém mais no mundo e estava quase velha e doente. Foi por esse tempo que conheci a família de Iaiá; boa gente, que me deu que fazer e até chegou a me dar casa. Estive lá muitos meses, um ano, mais de um ano, agregada, costurando. Saí quando Iaiá casou. Depois vivi como Deus foi servido. Olhe os meus dedos, olhe estas mãos... E mostrou-me as mãos grossas e gretadas, as pontas dos dedos picadas de agulha. – Não se cria isto à toa, meu senhor; Deus sabe como é que isto se cria... Felizmente, Iaiá me protegeu e o senhor doutor também... Eu tinha um medo de acabar na rua, pedindo esmola... (ASSIS, 2009, p. 122).

Certo dia, meses depois, Lobo Neves anuncia que, possivelmente, ocupará uma presidência de província no Norte e convida Brás Cubas para ir junto e tornar-se seu secretário, porém assim que saiu a nomeação por decretos datados em treze, Lobo Neves, por superstição ao número treze, recusou o cargo.

Sucedeu por esse tempo um desastre; a morte do Viegas. Viegas passou aí de relance, com os seus setenta anos, abafados de asma, desconjuntados de reumatismo e uma lesão de coração por quebra. Foi um dos finos espreitadores da nossa aventura. Virgília nutria grandes esperanças em que esse velho parente, avaro como um sepulcro, lhe amparasse o futuro filho, com algum legado; e se, o marido tinha iguais pensamentos, encobria-se ou estrangulava-os. [...] O caso de Virgília tinha alguma gravidade mais. Ela era menos escrupulosa que o marido: manifestava claramente as esperanças que trazia no legado, cumulava o parente de todas as cortesias, atenções e afagos que poderiam render, pelo menos, um codicilo. Propriamente, adulava-o; mas eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens. Esta orça pela servilidade; a outra confunde-se com a afeição. As formas graciosamente curvas, a palavra doce, a mesma fraqueza física dão à ação lisonjeira da mulher uma cor local, um aspecto legítimo. Não importa a idade do adulado; a mulher há de ter sempre para ele uns ares de mãe ou de irmã, - ou ainda de enfermeira, outro ofício feminino, em que o mais hábil dos homens carecerá sempre de um quid, um fluido, alguma coisa. (ASSIS, 2009, p. 139).



Brás Cubas expõe, neste trecho acima, o quanto Virgília e seu esposo são ambiciosos, e enfatiza que a ambição de ambos é diferente, pois no seu ponto de vista, o marido é mais escrupuloso e falso, por não demonstrar suas verdadeiras intenções com o enfermo. Segundo o narrador-personagem, a mulher, mesmo com segundas intenções, não perde os ares de mãe, ou seja, o grande coração.

Algum tempo depois, Brás Cubas foi apresentado a Damasceno e à filha, por Sabina e Cotrim. Era intenção casar Brás Cubas com a moça. Para que eles se conhecessem, Sabina e Cotrim promoveram um jantar.

Que suplício que foi o jantar! Felizmente, Sabina fez-me sentar ao pé da filha de Damasceno, uma Dona Eulália, ou mais familiarmente Nhá-loló, moça graciosa, um tanto acanhada a princípio, mas só a princípio. Faltava-lhe elegância, mas compensava-a com os olhos, que eram soberbos e só tinham o defeito de se não arrancarem de mim, exceto quando desciam ao prato; mas Nhá-loló comia tão pouco, que quase não olhava o prato. De noite cantou; a voz era como dizia o pai “muito mimosa”. Não obstante, esquivei-me. (ASSIS, 2009, p. 146).

A filha de Damasceno é descrita com uma audácia que a apresenta divergente dos padrões femininos da época. O narrador projeta uma mulher sem medo de expor seus sentimentos e suas intenções para com o candidato a marido. A moça era Dona Eulália, que segundo Brás Cubas, não parava de olhar para ele.

Porém o romance entre Brás Cubas e Virgília era cada vez mais intenso. Ela estava grávida, e ele já sonhava com o seu provável filho. Virgília deu a luz ao filho, e Brás Cubas acompanhou tudo, juntamente, com Lobo Neves. E, após o nascimento do bebê, Lobo Neves recebeu uma carta anônima, que contava o envolvimento de sua esposa com o seu amigo.

Mesmo diante das suspeitas de Lobo Neves, Virgília e Brás Cubas continuavam encontrando-se na casa de Dona Plácida. Entretanto, algum tempo depois, Lobo Neves foi nomeado presidente da província, e o decreto outra vez foi datado de 13, porém desta vez trouxe a data de 31 e isto fez com que ele aceitasse.

Passados alguns dias, Lobo Neves parte para o Norte com a sua família, deixando Virgília e Brás Cubas em profunda tristeza. Neste período nasceu Venância, filha de Sabina e Cotrim.



Duas forças, porém, além de uma terceira, compeliavam-me a tornar à vida agitada do costume: Sabina e Quincas Borba. Minha irmã encaminhou a candidatura conjugal de Nhã-loló de um modo verdadeiramente impetuoso. Quando dei por mim estava com a moça quase nos braços. Quanto ao Quincas Borba, expôs-me enfim o Humanitismo, sistema de filosofia destinado a arruinar todos os demais sistemas. (ASSIS, 2009, p. 168).

A terceira força, mencionada por Brás Cubas, chamava-se bulício, e era o gosto de luzir e, sobretudo, a incapacidade de viver sozinho. Diante disso, decidiu casar-se com Eulália Damascena de Brito, filha de Damasceno. Mas, em virtude da febre amarela, a Eulália faleceu antes que os dois se casassem. Brás Cubas pouco sentiu a morte da futura esposa, pois Virgília não lhe saía do pensamento. “A primeira vez que pude falar a Virgília, depois da presidência, foi num baile em 1855, trazia um soberbo vestido de gorgorão azul e ostentava às luzes o mesmo par de ombros de outro tempo. Não era a frescura da primeira idade; ao contrário; mas ainda estava formosa, de uma formosura outoniça, realçada pela noite”. (ASSIS, 2009, p. 182).

Brás Cubas tornou-se deputado, sem, entretanto, conseguir o cargo almejado, que era ser ministro de Estado. Desenganado com a vida, fundou um jornal de oposição. E, notou que seu amigo Quincas Borba estava perdendo a lucidez.

Procurado por Virgília, já idosa, ajudou Dona Plácida, que faleceu em seguida. Neste período morrem Marcela, Quincas Borba e Lobo Neves. Eugênia foi para um cortiço. O desfecho de Eugênia foi o de muitas mulheres que não conseguiram casar-se, já que, naquela época, o casamento era a única maneira de a mulher obter ascensão social e prover-se.

Brás Cubas tornou-se um velho sozinho. Tinha bom padrão de vida, mas nunca chegou a ser respeitado por todos. Sonhava com o reconhecimento público através do emplasto, em delírios, aos 64 anos. No leito de morte, Brás Cubas recebeu a visita de Virgília e do filho.

4. Considerações finais

O objetivo proposto para este estudo foi uma leitura de discursos sobre a mulher enunciados em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Num primeiro momento, podemos



considerar que a imagem projetada nas personagens femininas desta narrativa já interpreta, mesmo no século XIX, novos rumos para a condição da mulher.

Nesse sentido, a obra machadiana é repleta de mulheres interessantes que revelam sua essência por meio de relatos, ambientes, gestos e discursos masculinos. Estas personagens estão situadas na fase realista, na qual temos a presença de personagens femininas fortes, espontâneas e ativas. Elas veem no casamento uma forma de ascensão social.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis, considerado um dos maiores expoentes da Literatura Brasileira, traz à tona temas polêmicos que não eram discutidos na época. Ele apresenta o fortalecimento do discurso feminino, antes frágil e inferior ao do marido. Nesta obra, a mulher é apresentada por diversos ângulos, sendo submissa aos caprichos do homem, adúltera, ambiciosa, leviana e batalhadora. O autor apresenta-nos o casamento como interesse, não somente do homem, mas também da mulher, que busca alcançar o auge da sociedade através do marido. Mostra-nos que a infidelidade conjugal, que antes era tarefa exclusivamente masculina, vai sendo também feminina.

Através da análise deste romance, narrado em primeira pessoa por um narrador-personagem do sexo masculino, observa-se quanto o padrão feminino vem sendo transformado e tornando-se igualitário ao homem, em direitos e obrigações. O discurso, que anteriormente era permitido apenas ao homem, passa a ser conquistado pela mulher, mas sem perder a feminilidade.

Em suma, é possível observar o quanto Machado de Assis era um escritor que buscava analisar e escrever fatos à frente de seu tempo. As mulheres metaforizadas na obra analisada neste trabalho sintetizam uma nova mulher e podem ser entendidas como contemporânea, em busca de espaços de dignidade. Partindo deste pressuposto, podemos notar a relevância deste autor e quão ele contribuiu para a literatura, tornando-se reconhecido mundialmente. Nesse sentido, pode-se, por exemplo, confrontar as ideias de Assis com as de algum escritor contemporâneo, e, por que não, um escritor catarinense.

Referências



REVISTA
MEMORARE

 UNISUL
UNIVERSIDADE NOROCCIDENTAL DO SUL DE PARANÁ
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

Revista Memorare, Tubarão, v. 4, n. 3 esp. dossiê Marcas da Memória: direitos humanos, justiça de transição e anistia, p.278-300 set./dez. 2017. ISSN: 2358-0593

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Jaraguá do Sul: Gráfica e Editora Avenida Ltda, 2009.

CARNEIRO, Cristina Helena. **Bruxas e feitiçeiças em novelas de cavalaria do ciclo Arturiano: o reverso da figura feminina?** Maringá, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários). Universidade Estadual de Maringá.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e Senzala**. 28ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

JACINTO, Cristiane Pinheiro Santos. **Relações de intimidade: desvendando modos de organização familiar de sujeitos escravizados em São Luís no século XIX**. São Luís, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão.

LOPES, Rosemary Mendes. **De vítimas a autoras: os crimes sofridos e praticados por mulheres em São Luís – 1873-1886**. 2002. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História Licenciatura) – UFMA, São Luís, 2002.

PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. 2ª ed.

_____. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.

VERONA, Elisa Maria. **Da feminilidade oitocentista**. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Franca.

Submetido em: 21/06/2017. Aprovado em 25/09/2017.

